

ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DO ESPORTE¹

Jocimar Daolio²

O objetivo desse texto é apresentar uma abordagem sócio-antropológica do esporte, a partir da qual seja demonstrada e compreendida sua dimensão de fenômeno cultural contemporâneo dos mais importantes. Não trataremos o esporte apenas como manifestação da dimensão biológica humana, analisando os determinantes e as conseqüências de uma determinada prática esportiva sobre o organismo humano. Também não analisaremos o esporte desvinculado de um contexto histórico, político e sócio-cultural, como se fosse uma prática “desencarnada” dos significados sociais humanos. O esporte será tratado aqui como um **“fato social total”**, para utilizar a feliz expressão do antropólogo francês Marcel Mauss. Como um fato social total, o esporte será abordado como expressão humana repleta de valores e significados culturais. O indivíduo praticante do esporte, ao mesmo tempo em que expressa comportamentos esportivos, constrói e reconstrói um universo de valores sociais, significando e re-significando atitudes, enfim, agindo e representando socialmente.

O esporte, como todas as expressões corporais humanas, não existe naturalmente e nem existiu sempre do mesmo jeito. Foi construído pelos seres humanos, sofrendo constantes transformações tanto em sua prática como nos significados a ele atribuídos. Os seres humanos, ao longo de sua evolução, foram criando certas práticas corporais, como as danças, os jogos, as formas de exercitar o corpo, as expressões corporais, as formas de luta, os esportes, além dos conceitos sobre o corpo, sobre a saúde, sobre os cuidados higiênicos etc. É esse conjunto de manifestações corporais humanas que compõe a chamada Cultura Corporal de Movimento.

¹ Esse texto reproduz algumas idéias e trechos de outros artigos de minha autoria, especificamente do texto “Fenômeno Social Esporte na Formação Profissional em Educação Física”, publicado na Revista da Educação Física, 1998, e “Jogos Esportivos Coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer”, publicado na Revista Brasileira de Ciência e Movimento”, de 2002.

² Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

O esporte moderno, segundo Valter Bracht³, refere-se a uma atividade corporal com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura européia no século XVIII que se expandiu rapidamente por todo o mundo, transformando-se atualmente num dos principais fenômenos humanos. Essa prática foi resultado de um processo de modificação de jogos e de atividades corporais que inicialmente estavam relacionadas às colheitas, à religião e às festas populares. A partir do século XVIII, houve um processo de hegemonização do esporte em detrimento das outras atividades da cultura corporal de movimento, levando-o a assumir características de competição, rendimento físico-técnico, treinamento, busca de recordes. Essa rápida expansão do esporte nos últimos duzentos anos é coincidente com o crescimento do capitalismo pelo mundo, expressando características da nova sociedade industrial, como as rotinas de treinamento, busca da perfeição técnica, competição exacerbada. Atualmente o esporte, como espetáculo mundial, tornou-se mercadoria, patrocinado por grandes empresas comerciais e utilizado como propaganda dessas mesmas empresas ou por governos de quase todos os países do mundo.

Assumindo tais papéis, a prática esportiva acabou também por assumir características do vencer a qualquer preço e de valores respaldados pelo princípio de que os fins justificam os meios. O uso do doping e a especialização precoce⁴ são expressões desse espírito capitalista de conseguir campeões e de promover a mercadoria esportiva às últimas conseqüências. É fundamental que os profissionais que trabalham com esporte reflitam sobre os valores desejados na prática esportiva e os mantenha presentes em sua atuação, discutindo-os continuamente com seus alunos.

Não é objetivo deste trabalho fazer um recorte histórico, analisando os vários sentidos e funções que o esporte moderno cumpriu desde sua origem. Interessa-nos enfatizar que a prática esportiva não é natural, no sentido de que as pessoas a realizam como expressão da natureza humana. É uma prática

³ Bracht, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*, 1997.

⁴ Kunz, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*, 1994.

eminentemente cultural, no sentido de que foi construída pelos humanos e é constantemente atualizada, atendendo valores e significados específicos.

A formação atual de grande parte dos profissionais de Educação Física no Brasil ainda não tem conseguido plenamente tratar o esporte nas suas dimensões históricas, culturais, sociológicas, econômicas, como fenômeno de marketing etc. A grande quantidade de aulas nas disciplinas que tratam o esporte nos cursos de formação profissional em Educação Física ainda é destinada aos aspectos técnicos das modalidades, fazendo com que os alunos, futuros professores, apenas pratiquem os fundamentos esportivos, na duvidosa premissa de que basta saber fazer para saber ensinar futuramente.

Várias perspectivas teóricas da área de Educação Física atualmente no Brasil concordam que o esporte faz parte de uma dimensão da cultura humana, constituindo-se, ao mesmo tempo, em produção e expressão do ser humano. O esporte não é um dado de natureza; não é um elemento a-histórico, ou a-político. O ser humano, ao longo de sua história de cerca de quatro milhões de anos, foi construindo uma cultura ligada às questões corporais, de movimento, de lazer, de saúde, produzindo um vasto conhecimento sobre essas dimensões. Assim foram sendo criados os jogos, as danças, as técnicas de luta, as formas de utilização e cuidado com seu corpo e, mais recentemente, o esporte.

Temos preferido a expressão cultura esportiva⁵ ao invés de esporte, a fim de enfatizar sempre esse caráter dinâmico de produção humana. Segundo Mauro Betti, a cultura esportiva faz parte da cultura corporal, que, por sua vez, é parte da cultura humana. Sendo vista como um elemento de cultura, o esporte manifesta um movimento dialético entre os movimentos padronizados, as técnicas, regras, e sua contextualização num determinado momento e num grupo específico. É nesse sentido que o autor fala do **texto** e do **contexto** do esporte. Não se trata somente das variações de regras de determinada modalidade ou da criação de outras a partir de um modelo (como o voleibol de areia, por exemplo), mas da própria inserção de uma mesma modalidade em contextos específicos, estabelecendo formas diferentes para se jogar o mesmo esporte.

⁵ Conforme Betti, Mauro. *Cultura corporal e cultura esportiva*, 1993.

Essas dimensões do **texto** e do **contexto** parecem dar conta da compreensão do esporte como fenômeno sócio-cultural, uma vez que consideram sua construção ao longo do tempo e as suas variadas inserções nos diversos contextos. Da mesma forma que o ser humano é, ao mesmo tempo, fruto e agente da cultura, uma modalidade esportiva é construída, expressando a forma como esse ser humano concebe o mundo e sendo por ele transformada em função do tempo, espaço e valores próprios de cada grupo.

Segundo Mauro Betti, o **texto** altera o **contexto** das modalidades esportivas e vice-versa, num processo dinâmico. Por exemplo, o basquetebol é jogado numa quadra com determinadas medidas, com cinco jogadores em cada equipe, com regras e técnicas que o identificam em qualquer parte do mundo. Por outro lado, a mesma modalidade esportiva ocorre em um determinado espaço/tempo, num contexto específico que a torna própria e particular daquele grupo. Nesse sentido não temos um basquetebol, mas várias formas de prática do basquetebol.

De fato, se analisarmos jogos de seleções mundiais de basquetebol ou qualquer outro esporte, veremos que, a despeito de jogarem a partir das mesmas regras e técnicas e com táticas semelhantes, cada seleção expressa características culturais particulares, fruto de sua história e dos significados que aquela modalidade foi assumindo naquele país ao longo dos anos. Também se analisarmos equipes de uma mesma modalidade esportiva de cidades diferentes ou até mesmo de bairros diferentes, veremos diferenças culturais na forma de prática da mesma atividade. Isso também pode ser notado em momentos históricos diferentes de uma mesma modalidade num mesmo lugar.

É interessante também observar como uma modalidade esportiva se desenvolve mais numa região que em outra, devido a fatores e influências várias, incluindo, dentre elas, as características sócio-culturais do próprio grupo praticante. Como exemplo desse processo, podemos citar o futebol, modalidade que, surgida na Inglaterra, chegou ao Brasil no final do século XIX para se tornar já nas primeiras décadas do século XX o principal esporte nacional.

Esse processo de criação e transformação de uma modalidade esportiva dá-se por meio da manipulação de símbolos, característica que distingue o ser humano de outros animais. Os indivíduos em sociedade vão atribuindo significados a tudo o que fazem, procurando dar sentido às suas ações. São esses significados que diferenciam os inúmeros grupos humanos espalhados pelo mundo e ao longo da história. Assim, uma mesma modalidade esportiva, mundialmente codificada com regras e técnicas definidas por uma confederação, é praticada com estilos diferentes, porque os significados a ela atribuídos pelos diversos grupos são diferentes. Foi o caso, por exemplo, do voleibol no Brasil, que até algumas décadas atrás, era uma prática majoritariamente feminina. Os praticantes do sexo masculino eram, inclusive, vítimas de preconceitos. Por outro lado, o futebol era considerado esporte exclusivamente masculino em nosso país até há poucos anos. Esses fatores sócio-culturais interferem decisivamente na prática de um esporte, atraindo certas pessoas e afastando outras, oferecendo características específicas a cada modalidade, em cada época e em cada contexto.

Um outro fenômeno interessante que acontece com o esporte é sua contínua transformação em outras modalidades. Parece ter sido o caso do voleibol que, após um período sendo praticado só em quadras, incorporou uma demanda popular de prática nas praias brasileiras, desdobrando-se em voleibol de areia, não mais com seis jogadores, mas com dois. O voleibol de areia, inicialmente praticado de forma lúdica nas praias brasileiras, foi institucionalizado, com competições profissionais, chegando a fazer parte dos Jogos Olímpicos. A partir do voleibol de areia, já temos hoje o chamado voleibol 4 x 4, sem falar do futvolei, que incorpora elementos do futebol numa quadra de voleibol.

Dentro de um mesmo país, há preferências regionais por determinada prática corporal – esportivas ou não – que não se restringem somente a questões climáticas ou devido às oportunidades ambientais e aos apoios governamentais. É o caso do jogo de peteca em Minas Gerais que tornou-se quase exclusivo daquele Estado.

Mais importante do que descrever as diferenças de prática esportiva nas várias regiões e a diversidade de características dentro de uma mesma modalidade, é a consideração dos significados que estão associados a elas, aquilo que José Carlos Rodrigues⁶ chamou de conteúdos conotativos de determinadas expressões culturais. Pois são esses conteúdos que expressam as características identificadoras de um determinado grupo, sua história particular, aquilo que o fez praticar aquela modalidade daquele jeito, seu jeito diferente e significativo de fazer as mesmas coisas.

Um profissional que pretenda atuar com o esporte de maneira inclusiva, fazendo com que esse rico patrimônio da humanidade seja apreendido por todos, deverá saber lidar com esse fenômeno de maneira mais ampla do que uma simples e tradicional visão tecnicista, como historicamente a Educação Física sempre fez. Deverá tratá-lo também como fenômeno sócio-cultural, a partir da contribuição das ciências humanas e, assim, considerando aspectos culturais próprios de cada grupo, os determinantes políticos implícitos na prática esportiva, as relações humanas que permeiam os esportes, as influências da mídia. A mesma prática esportiva que se realiza numa quadra, num estádio, ou mesmo na rua, permite análises e tratamentos que vão além de mera repetição de gestos técnicos. Pode-se ver uma partida de futebol, considerando que essa prática é expressão maior da cultura brasileira, compreendendo manifestações por vezes desmesuradas de jogadores, dirigentes e da própria torcida. Pode-se admirar a harmonia estética de uma partida de basquetebol. Pode-se analisar a influência da mídia na construção e valorização de determinada modalidade esportiva. Pode-se compreender a dimensão política de um feito esportivo quando um governo utiliza-o como propaganda, como foi o caso da conquista do tri-campeonato mundial de futebol por parte do Brasil em 1970. Pode-se compreender a dimensão do atleta, feito mercadoria de troca entre grandes empresas multinacionais. Pode-se praticar o esporte valorizando outros comportamentos que não a exclusão, a injustiça, a dissimulação, a violência, a subjugação de uns por outros.

⁶ Rodrigues, José Carlos. O corpo liberado?, 1987.

Técnica Esportiva: entre a eficiência e a eficácia simbólica

O antropólogo Marcel Mauss, em seu clássico texto sobre as Técnicas Corporais, afirmava que todo gesto corporal constitui-se em técnica, uma vez que é dotado de tradição e eficácia, equiparando as técnicas corporais às demais técnicas humanas, como as técnicas de cozimento de alimentos, técnicas de plantio, técnicas de adorno etc. Segundo ele, o ser humano cria, ao longo de sua existência e em função de seu contexto cultural, certos costumes, que vão se tornando tradicionais, sendo transmitidos de geração a geração. Esses procedimentos vão se tornando tradicionais justamente porque são dotados de eficácia simbólica, ou seja, respondem a certas demandas da sociedade onde estão, adotando significados importantes para o grupo local.

Ora, se todo movimento é técnico, não podemos falar numa técnica considerada melhor, perfeita ou correta, senão num contexto e numa situação devidamente delimitados. A Educação Física, historicamente, sempre defendeu o ensino de uma técnica para o saque por cima no voleibol, ou de uma técnica para a bandeja no basquetebol, a técnica do salto em altura no atletismo ou da braçada do nado de costas na natação, elegendo alguns movimentos como melhores e desconsiderando outras formas de expressão corporal.

A área de Educação Física, no trato com o esporte, tradicionalmente, sempre considerou a dimensão técnica de maneira exclusivamente instrumental. As obras específicas da área nada mais fazem do que coletar um conjunto de movimentos considerados eficientes e perfeitos para as finalidades de determinada modalidade esportiva e dividi-los em estágios de uma seqüência pedagógica para o seu ensino. Assim, uma única maneira de executar um movimento esportivo torna-se o padrão de correção, e todas as outras formas são tidas como errôneas, incompletas ou variantes menos desejáveis da técnica considerada perfeita. Um gesto técnico passou a ser aquele movimento eficiente, seja em termos biomecânicos, fisiológicos ou esportivos. Fazendo isso, a área de Educação Física e Esportes acabou por privilegiar certos alunos que já sabiam executar os movimentos tidos como eficientes, subjugando aqueles que apresentavam outras formas de expressão, fruto de outras experiências, valores diferentes e interesses específicos.

Falar em eficiência implica pensar no fim, no resultado, no produto final em curto prazo. Falar em eficácia simbólica implica considerar o processo, o meio pelo qual os alunos buscam alcançar seus fins, as diferenças de significados entre grupos diferentes. Por isso estamos enfatizando a eficácia simbólica no ensino dos esportes ao invés de priorizar a eficiência.

O gesto esportivo oriundo dos movimentos dos atletas de alto rendimento constitui-se, sem dúvida, em técnica, aliás, das mais eficientes e, plasticamente, das mais belas. Mas não pode ser tomado como a técnica modelar, a ser ensinada imediatamente a todos os alunos. Primeiramente, por se tratar de movimentos dos mais elaborados, demandando grande tempo de treinamento para sua perfeita manifestação; em segundo lugar, porque os alunos, culturalmente situados, podem possuir outros interesses de movimento, que levem a outras demandas em termos de execução.

É justamente essa característica que separa o ser humano dos outros animais. Enquanto esses últimos apenas reproduzem movimentos, podendo até realizá-los com certa eficiência, os humanos, além da busca da perfeição, continuamente atribuem significados culturais às suas ações, variando as formas de execução, transformando-as, criticando-as e executando-as com objetivos os mais variados possíveis.

Não se pretende, nessa discussão, opor os conceitos de eficiência e eficácia simbólica, como se fossem excludentes, mesmo porque o movimento biomecanicamente eficiente é dotado, inegavelmente, de significados culturais. Isso torna-se mais efetivo atualmente, devido ao grande poder da mídia esportiva que reverbera mundialmente as atuações de atletas de alto rendimento. O professor não pode estar imune aos apelos da mídia, mas também não deve a ela se render, como se todos os seus alunos devessem obrigatoriamente executar aqueles mesmos movimentos.

Qualquer professor que já tenha atuado com grupos diferentes, em bairros ou cidades diferentes, já percebeu que o mesmo conteúdo esportivo insere-se de formas próprias em contextos diversos, adquirindo um caminho pedagógico específico que lhe dá sentido naquele contexto. Os interesses do grupo em questão

podem ser diferentes, as experiências esportivas serem outras, os significados atribuídos àquela modalidade serem outros, e os objetivos, obviamente, serem variados. Cabe ao professor atento e compromissado fazer a mediação entre o conhecimento esportivo a ser trabalhado com o grupo em questão e seus interesses, experiências e demandas culturalmente determinados.

Esta reflexão procura avançar na discussão da relevância, do lugar e do tempo do ensino dos gestos técnicos específicos de cada modalidade esportiva. Utilizando um conceito cultural de técnica corporal, a partir do qual deve ser considerado o significado de todo e qualquer movimento no seio de uma dada sociedade, é possível considerar o ensino dos gestos técnicos não somente a partir da dimensão da eficiência, mas dentro de contextos culturais específicos, considerando-se também a eficácia simbólica inerente a toda ação humana.

Implicações para o Ensino do Esporte

A partir dessa discussão algumas implicações podem ser depreendidas para o ensino do esporte. A primeira delas é a de que o esporte não é neutro. Como não é uma entidade abstrata, suspensa no tempo e deslocada no espaço, em si, não é bom nem ruim, positivo ou negativo, útil ou inútil. Ele será aquilo que seus praticantes fizerem dele. Daí a grande importância do educador no ensino do esporte. Como vimos, a prática esportiva não se resume à mera repetição de um conjunto de técnicas, mas no trato constante de valores, valores esses que, consciente ou inconscientemente serão transmitidos pelo profissional responsável pelo processo.

Foi nessa linha de raciocínio que Valter Bracht⁷ afirmou que não tinha sentido chamar um esporte de educativo, pois, num sentido geral, toda prática esportiva é educativa. Resta saber quais são os valores e atitudes que determinado esporte defende e pratica. Um professor ingênuo poderá achar que estimular nos alunos um comportamento competitivo exacerbado será útil para forjar campeões, desconsiderando que essa prática é exclusiva, injusta e anti-democrática, além de refletir princípios da sociedade capitalista, como o de que o mais capaz deverá

⁷ Bracht, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*, 1997.

suplantar os outros. Por outro lado, um professor mais crítico e mais atento a esse processo histórico poderá implantar princípios de respeito às diferenças individuais e co-participação em suas aulas, gerando prazer na prática, solidariedade nas atitudes e reflexão desses princípios entre os participantes.

A prática esportiva tem assumido principalmente os valores do esporte de rendimento ou espetáculo, mesmo quando ocorre em escolas. O fato de haver um esporte na escola não garante uma atitude crítica em relação a aspectos considerados negativos do esporte de rendimento. Daí a afirmação de vários autores da área de Educação Física atualmente defendendo o esporte DA escola, ao invés do esporte NA escola. Enquanto esse último apenas reproduziria de forma a-crítica condutas e princípios do esporte de rendimento, como a competição exacerbada, a especialização precoce, o ganhar a qualquer preço etc., o esporte DA escola defenderia a construção do esporte possível, com valores discutidos entre os participantes e com condutas condizentes a esses valores. Nessa construção do esporte DA escola, como já afirmamos, o papel do professor é fundamental, a fim de que se posicione claramente em relação a valores que levem a maior participação de alunos, ao reconhecimento e respeito às diferenças entre eles, à oportunidade de apropriação por parte de todos desse maravilhoso patrimônio cultural que é o esporte.

Outro aspecto a ser considerado quando se pensa no ensino do esporte é a relação com a mídia. Se, por um lado, a mídia tem divulgado o esporte, fazendo dele um grande fenômeno contemporâneo e, de certa forma, levando a demanda de prática esportiva para mais pessoas, por outro lado, a mídia tende a reproduzir valores do esporte de rendimento, transformado em espetáculo para o seu consumo. Esses valores, como vimos, podem não ser aqueles que desejamos em nossos processos educativos. De fato, qualquer pessoa, motivada pelas mensagens esportivas multiplicadas pela mídia, considera-se conhecedora do esporte e busca praticá-lo a partir dos princípios apreendidos por ela.

Mais uma vez enfatizamos a figura do professor no ensino do esporte como mediador entre os valores expressos pelos seus alunos e os objetivos do programa. Influenciados pela mídia, os alunos, não raro, freqüentam as aulas de Educação

Física na escola e as escolinhas de esporte ou os clubes sonhando tornarem-se campeões esportivos como aqueles vistos na televisão. Chegam imbuídos daqueles valores, muitas vezes sem apresentarem posicionamento crítico em relação às mensagens da mídia. O profissional responsável pelo trabalho com esporte deve, não apenas reproduzir as técnicas de movimento das modalidades esportivas, mas constituir-se em mediador de um conhecimento amplo e crítico sobre o esporte – incluídos aí aqueles reproduzidos pela mídia.

Mauro Betti⁸ preocupou-se com essa questão procurando compreender a representação sobre esporte que a televisão expressa e como deveria agir o profissional de Educação Física diante disso. Segundo ele, a Educação Física e seus profissionais deveriam contribuir para a formação de um espectador crítico, inteligente e sensível. Assim, a televisão – e podemos estender para outros veículos da mídia – poderia se constituir em instrumento pedagógico efetivo da Educação Física no trabalho com esporte.

Como se vê, ensinar esporte não se resume somente na reprodução de gestos técnicos transmitidos de forma neutra, até porque o conhecimento sobre esporte não se resume à sua prática. Ser conhecedor do esporte implica também saber a sua história, compreender seus determinantes políticos, saber apreciar a beleza estética dos gestos esportivos, compreender que o mesmo esporte pode ser 4praticado diferentemente devido a especificidades culturais, respeitar as características individuais de cada praticante, entender a mídia esportiva nas suas entrelinhas, enfim, muito mais do que apenas reproduzir gestos. Essa é a difícil e relevante tarefa dos profissionais que atuam com o esporte.

Referências Bibliográficas

- BETTI, Mauro. Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista Paulista de Educação Física*, v.7, n.2, p.44-51, 1993.
- BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.

⁸ Betti, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*, 1998.

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, 1997.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. 2v.

RODRIGUES, José Carlos. O corpo liberado? In: STROZENBERG, Ilana (Org.) *De corpo e alma*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1987.